

COLÓQUIO FILOSÓFICO COM O PADRE MARIE-DOMINIQUE PHILIPPE!¹

por Paulo Faitanin.



Pe. M-D. Philippe

Em *Aquinate*, n. 5, (2007), 384-386, dedicamos uma nota sobre o Padre Marie-Dominique Philippe O.P. No passado dia 26 de agosto comemorou-se o quinto ano do seu falecimento. Pretendemos recordar nesta edição não só sua vida, mas também trazer uma tradução adaptada da entrevista que o Padre Philippe concedeu a Pascal Rougé.

Padre Philippe nasceu em Cysoing (Norte da França) no dia 08 de setembro de 1912. Oitavo de uma família de doze filhos que deu à Igreja: três dominicanos e quatro monjas contemplativas. Após ter terminado sua formação escolar no colégio dos Jesuítas de Lille, ele ingressa na Ordem de São Domingos em novembro de 1930, em Amiens. Pronuncia os votos em novembro de 1931 e faz os seus estudos de filosofia e teologia no Saulchoir de Kain (Bélgica) de 1931 até 1938. Ordenado padre em julho de 1936. Depois de licenciado em filosofia, apresenta em seguida seu mestrado sobre *a sabedoria segundo Aristóteles*, e posteriormente faz um doutorado em teologia. Igualmente diplomado na 'Hautes-Etudes' (Paris), ele é professor de filosofia e de teologia no Saulchoir d'Etiolles (Convento de estudo dos Dominicanos da Província de Paris) de 1939 até 1945 e de 1951 até 1962, e professor de filosofia na Universidade de Friburgo (Suíça) de 1945 até 1982. O Padre Philippe sentiu, muito cedo, nos seus estudos a necessidade de renovar o ensinamento filosófico e teológico, e para isso era preciso retornar às suas respectivas fontes: a experiência segundo a perspectiva de Aristóteles e a fé contemplativa segundo Santo Tomás de Aquino e São João, cujos escritos o marcam profundamente e aos quais ele retorna sem cessar. Sua busca da verdade se ordena segundo as três sabedorias: a sabedoria filosófica, a sabedoria teológica e a sabedoria mística.

Além do seu ensinamento, o Padre 'Marie-Do' profere, sobretudo na França e na Suíça, conferências de filosofia e de teologia em meios muito diversos (secretariados de sindicatos cristãos, chefes de empresas, psicanalistas, médicos, Associações Familiares Católicas, Renovação Carismática, artistas *etc.*). Ele prega também retiros em numerosos mosteiros (sobretudo a monjas carmelitas, beneditinas e dominicanas, e à família monástica de Belém), em diversos "Foyers de Charité" na França,

¹ Tradução e adaptação da entrevista a Pascal Rougé ("*Tempêtes sous un crâne*", n° 5, autunno, 1994) publicada em italiano pela *Comunità San Giovanni* (Bolonha) originalmente como: *Conversazione con Padre Marie-Dominique Philippe*.

principalmente em Châteauneuf de Galaure ao lado de Marthe Robin (durante quase 17 anos local de retiro para sacerdotes e sede de numerosos retiros para os membros dos Foyers), mas também no Senegal, no Togo, no Ruanda *etc.*, sem contar grupos de jovens.

A partir de 1949, o Padre Philippe redige numerosas obras de filosofia e teologia espiritual, dos quais um certo número será traduzido em diversos idiomas. No total, são hoje mais de 35 obras, às quais se unem numerosíssimos artigos. Eles recobrem um vasto campo de estudo e de interesse: filosofia da arte, reflexões sobre a matemática e a medicina, estudos de metafísica, comentários do Evangelho de São João, escritos sobre o mistério de Cristo e sobre a Virgem Maria, obras sobre a família *etc.*

Em Friburgo, em 1975, a pedido de alguns estudantes franceses, funda, mas permanecendo dominicano, a Comunidade dos Irmãos de São João e, alguns anos mais tarde a Comunidade das Irmãs Contemplativas e, depois, a das Irmãs Apostólicas. A essas três comunidades se unem numerosos leigos, os oblatos de São João, formando juntos uma nova família espiritual na Igreja: a Família São João.

Em 1982, ao regressar à França, ainda que continuando um apostolado diversificado, se consagra principalmente ao ensino da filosofia e da teologia nas Casas de Formação dos Irmãos de São João em Rimont (Saône e Loire) e em Saint Jodard (Loire). Por outro lado, como Fundador e Prior Geral, ensina e conduz essa nova Comunidade, que conhece um rápido crescimento e uma difusão internacional importante. A partir de 1974 uma amizade profunda o liga a Karol Wojtyła. Através de numerosos encontros e correspondências, João Paulo II não cessará de o encorajar na sua pesquisa filosófica e no seu papel ao lado dos irmãos e irmãs da Família São João.

Em 2001, o Padre Jean-Pierre-Marie é eleito Prior Geral e o Padre Philippe permanece perto dos irmãos e das irmãs como Fundador, continuando incessantemente a transmitir o fruto da sua busca filosófica e teológica através de conferências e retiros. São publicadas as suas obras de teologia espiritual e de filosofia, notadamente *Retour à la Source* (Fayard, 2005), que apresenta sua reflexão filosófica sobre a pessoa humana.

No dia 30 de junho de 2006 ele comemora seus 70 anos de sacerdócio em Ars. No dia seguinte, o Cardeal Franc Rodé, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada, presente para as ordenações dos irmãos de São João, lhe presta uma vibrante homenagem. Algumas semanas mais tarde, em seguida a um acidente vascular cerebral, o Padre Philippe perde o uso da palavra. Permanece então num grande silêncio, esperando serenamente o encontro com Aquele que tanto desejou conhecer e fazer conhecer. Morre no dia 26 de agosto, cercado de numerosos filhos e filhas, aos quais deixa a

herança luminosa de uma vida inteiramente doada ao serviço do homem e de Cristo.

A *Aquinate* recorda a pessoa e o pensamento deste grande filósofo e teólogo do nosso tempo adaptando a tradução da entrevista que o Padre Philippe concedeu a Pascal Rougé, em que há algumas questões nas quais o Padre Philippe fala sobre a sua metodologia filosófica e sobre o modo como o filósofo deve considerar a presença do mal no mundo. Com isso esperamos recordar o quinto aniversário da morte do Padre Philippe.

1. O Senhor recorda, muitas vezes, esta frase de Bergson²: ‘quando se entra na obra de um filósofo, é preciso sempre buscar colher a intuição ou a intenção fundamental desta obra’. Qual então tem sido a intuição ou a intenção fundadora do seu ensinamento filosófico?

Resposta: Deixo para os outros a tarefa de descobri-la. Pessoalmente não posso dizer ter tido uma intuição ou uma revelação particular. O que vi trabalhando Aristóteles foi a urgência de ter de retornar ao realismo direto da experiência. O que de modo absoluto não fez escolástica decadente³, a partir do momento que procedia de definições, sem saber de onde estas proviessem. Consideravam-nas como se tivessem caído do céu. Na realidade, toda a escolástica tomista⁴ fundava-se sobre uma teologia e se buscou, sob a influência de Suárez⁵, extrair desta teologia o que houvesse de conteúdo filosófico. O que no fundo era um erro. Precisava-se retomar uma ordem de invenção no plano filosófico; esta foi para mim a grande linha condutora: reencontrar uma ordem genética do pensamento humano e do pensamento filosófico.

2. O que se deve entender com o termo ‘ordem genética’?

Resposta: Uma ordem genética é uma ordem em que se começa a partir do que nos é mais próximo, daquilo que é conatural à nossa sensibilidade, do contato que nós temos com a coisa, com a realidade, para, enfim, remontar à fonte.

² Henri Bergson [1859-1941], filósofo francês.

³ Escolástica: deriva efetivamente de ‘*schola*’ (escola). “Filosofia e teologia ensinada na universidade medieval” (afirma ‘Le Petit Robert’). Essa se tornou decadente no momento em que trai os próprios princípios da teologia e de um só golpe confunde fé e razão.

⁴ Padre Philippe refere-se aqui ao tomismo da escolástica decadente (N. T).

⁵ Francisco Suárez, teólogo jesuíta espanhol [1548-1617].

3. O mundo no qual vivemos é um mundo visivelmente ‘trincado’, no qual o mal é muito presente. Como o filósofo reage a esta presença do mal e àquilo que parece, no fundo, uma impossibilidade de ser feliz?

Resposta: O filósofo bem vê esta presença do mal e isto evidentemente limita a alegria do seu coração. É um muro contra o qual ele se choca constantemente. Mas ele sabe que este mal que se lhe impõe não é o que de mais profundo há no homem. Esta existência do mal, se a considera de frente, exige do homem uma via de interioridade muito mais profunda para que se veja que o mal não nunca um absoluto. O mal limita o bem, é relativo ao bem. Uma vez que o filósofo descobre, portanto, que o mal enquanto tal é limitado – também o orgulho humano, que pode ser indomável e terrível e que pode causar enormes danos como vemos hoje em certas guerras civis e raciais - ele descobre no coração de cada homem alguma coisa que esconde nele um sopro de alegria, um sopro de amor, um sopro de verdade. A via filosófica é mais complexa no nosso mundo de hoje, porque se conhece melhor toda a extensão do domínio do mal.

Mas esta busca filosófica permanece porque o absoluto não é deste mundo e porque no coração de cada homem há um sopro deste absoluto. Se o filósofo puder ser uma testemunha de tal absoluto, ele poderá ajudar os homens a redescobrir esta felicidade. Creio que seja isto que torna, no nosso mundo de hoje, esta busca filosófica pela Sabedoria mais que indispensável. De fato, o mal progrediu e possui uma extensão muito maior que antes e é muito mais conhecido. Tanto mais que o mal tem isto de particular: é a via fácil. Uma via sob a qual se escorrega muito rápido, tão logo se põe o pé ali. É terrivelmente fascinante, não digo atraente, mas fascinante e se crê muito rapidamente que seja o único meio para realizar ainda qualquer coisa. O filósofo está aí para recordar que não é assim. Esta via do mal não leva a nada, exceto a um suicídio coletivo.